



INVESTIGAÇÃO SOBRE
A MENTE HUMANA
SEGUNDO OS PRINCÍPIOS
DO SENSO COMUM

THOMAS REID


VIDA NOVA

Trata-se de um clássico da literatura filosófica moderna, uma obra significativa que representou um contraponto epistemológico ao ceticismo empirista de David Hume e ao idealismo subjetivo de George Berkeley. Certamente influenciou uma das principais escolas de teologia reformada do século XIX, a Old Princeton Theology, que incluía eminentes representantes tais como Charles Hodge, A. A. Hodge e B. B. Warfield.

— **Fabiano de Almeida Oliveira**, doutorando em filosofia pela USP e professor de teologia e filosofia do Centro de Pós-graduação Andrew Jumper (Mackenzie)

Thomas Reid é ninguém menos que um dos principais pensadores que iniciaram, já no século XVIII, o longo processo de redescoberta do realismo. A autoevidência reflexiva do pensar, se entendida como o único ponto de partida seguro de toda a atividade desempenhável pela mente humana, pode, em vez de trazer luz ao conhecimento, servir para fechar a porta de acesso a tudo que não se reduz ao mero pensamento. Se é assim, trata-se sempre, ou somente de uma parte integrante do pensamento mesmo ou do ente apenas, enquanto objeto de pensamento, mas nunca do mundo das coisas que subsistem independentemente da atividade mental humana: eis a raiz dos mais variados tipos de idealismo subjetivo. O anseio que leva à postura realista pode ser derivado da rejeição das consequências céticas do idealismo, do reconhecimento do caráter ao menos duvidoso de seus pressupostos filosóficos ou da percepção de sua incapacidade de explicar os dados teóricos e práticos presentes à alma humana. É o conjunto de todos esses fatores que parece ter levado Thomas Reid a investigar os princípios da constituição humana nesta grandiosa obra agora disponível em português.

— **Pedro Monticelli**, doutor em filosofia pela PUC-SP e professor de filosofia da Faculdade de São Bento de São Paulo

SUMÁRIO

Prefácio à edição em português.....	9
Dedicatória.....	15
CAPÍTULO 1 — INTRODUÇÃO	19
Seções	
I. <i>A importância do tema e o método para investigá-lo.</i>	19
II. <i>Os impedimentos para o nosso conhecimento da mente.</i>	20
III. <i>O estado atual desta parte da filosofia. De Descartes, Malebranche e Locke.</i>	23
IV. <i>Apologia desses filósofos.</i>	26
V. <i>Do bispo Berkeley; do Tratado da natureza humana; e do ceticismo.</i> .	27
VI. <i>Do Tratado da natureza humana.</i>	29
VII. <i>O sistema de todos esses autores é o mesmo, e leva ao ceticismo.</i>	30
VIII. <i>Não devemos perder a esperança em um sistema melhor.</i>	31
CAPÍTULO 2 — DO OLFATO	33
I. <i>A ordem do procedimento. Do meio e do órgão do olfato.</i>	33
II. <i>A sensação considerada de maneira abstrata.</i>	34
III. <i>Sensação e lembrança, princípios naturais da crença.</i>	35
IV. <i>Em alguns casos, juízo e crença precedem a apreensão simples.</i>	37
V. <i>Duas teorias da natureza da crença refutadas. Conclusões do que foi dito.</i>	38
VI. <i>Apologia de absurdos metafísicos. Sensação sem um senciente, uma consequência da teoria das ideias. Consequências dessa estranha opinião.</i>	40
VII. <i>A concepção e a crença de um ser ou mente senciente são sugeridas por nossa constituição. A noção de relação nem sempre é obtida por comparação de ideias relacionadas.</i>	44

VIII.	<i>Há uma qualidade ou virtude nos corpos, que chamamos de odor. Como isso está conectado com a sensação na imaginação.</i>	46
IX.	<i>Que há um princípio na natureza humana, do qual se deriva essa noção, bem como todas as outras virtudes ou causas.</i>	48
X.	<i>Se, na sensação, a mente é ativa ou passiva?</i>	51
CAPÍTULO 3 — DO PALADAR		53
CAPÍTULO 4 — DA AUDIÇÃO		57
I.	<i>Variedade de sons. Seu lugar e distância aprendidos por costume, sem raciocínio.</i>	57
II.	<i>Da linguagem natural</i>	58
CAPÍTULO 5 — DO TATO		63
I.	<i>Do calor e do frio.</i>	63
II.	<i>Da dureza e da maciez.</i>	64
III.	<i>Dos signos naturais.</i>	67
IV.	<i>Da dureza e outras qualidades primárias.</i>	70
V.	<i>Da extensão.</i>	71
VI.	<i>Da extensão.</i>	74
VII.	<i>Da existência de um mundo material.</i>	76
VIII.	<i>Dos sistemas dos filósofos acerca dos sentidos.</i>	81
CAPÍTULO 6 — DA VISÃO		85
I.	<i>A excelência e dignidade desta faculdade.</i>	85
II.	<i>A visão não descobre quase nada que um cego não possa compreender. A razão disso.</i>	86
III.	<i>Das aparências visíveis dos objetos.</i>	90
IV.	<i>Que a cor é uma qualidade dos corpos, não uma sensação da mente.</i>	93
V.	<i>Uma inferência do que precede.</i>	95

VI.	<i>Que nenhuma de nossas sensações são semelhanças de qualquer uma das qualidades dos corpos.</i>	98
VII.	<i>Da forma e da extensão visíveis.</i>	102
VIII.	<i>Algumas questões sobre a forma visível respondidas.</i>	105
IX.	<i>Da geometria dos visíveis.</i>	110
X.	<i>Do movimento paralelo dos olhos.</i>	118
XI.	<i>Do nosso ver objetos em pé por imagens invertidas.</i>	121
XII.	<i>Continuação do mesmo tema.</i>	125
XIII.	<i>Do ver um objeto único com dois olhos.</i>	137
XIV.	<i>Das leis da visão em animais.</i>	142
XV.	<i>O estrabismo considerado hipoteticamente.</i>	144
XVI.	<i>Fatos relacionados ao estrabismo.</i>	153
XVII.	<i>Do efeito do costume na visão de objetos únicos.</i>	155
XVIII.	<i>Da explicação de dr. Porterfield para a visão única e dobrada.</i>	161
XIX.	<i>Da teoria de dr. Briggs, e da conjectura de Sir Isaac Newton sobre este tema.</i>	163
XX.	<i>Da percepção, em geral.</i>	171
XXI.	<i>Do processo da natureza na percepção.</i>	177
XXII.	<i>Dos signos pelos quais aprendemos a perceber a distância com o olho.</i> ... 181	
XXIII.	<i>Dos signos usados em outras percepções adquiridas.</i>	190
XXIV.	<i>Da analogia entre percepção e o crédito que damos ao testemunho humano.</i>	192
CAPÍTULO 7 — CONCLUSÃO		205
	<i>Reflexões sobre opiniões de filósofos acerca deste tema.</i>	205

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

“Quicá os pastores se limitassem à sua antiga ocupação de cuidar de suas Ovelhas e deixassem para os filósofos a tarefa de argumentar com temperança, moderação e boas maneiras”.¹ Essas são as palavras finais de David Hume, após ler um resumo de *Investigação sobre a mente humana segundo os princípios do senso comum*², entregue a ele por Hugh Blair, amigo em comum com Thomas Reid.

É estarrecedor que um filósofo como Hume, tão sofisticado e erudito, pudesse ter um preconceito com relação a pastores que se dedicam ao estudo da filosofia. É algo que causa espanto porque a história da filosofia está repleta de pastores que também eram filósofos. Um dos mais ilustres e indubitáveis exemplos de um pastor que também foi filósofo é Aurélio Agostinho, sacerdote e bispo de Hipona por quase quarenta anos! Ora, se a história está repleta de testemunhos favoráveis à existência de pastores filósofos, então, qual seria a razão para explicar o preconceito de Hume? Talvez a razão não fosse propriamente a questão de Hume ter um preconceito pelo fato de Reid ser um pastor filósofo,³ mas, sim, porque os resultados de *Investigação*, fruto de vinte anos de pesquisa profunda e criteriosa, trouxeram à tona diversos problemas identificados no método e nos fundamentos epistemológicos encontrados no *Tratado da natureza humana*.⁴

A despeito das motivações de Hume, o que nos interessa com toda essa história é mostrar que *Investigação*, de Reid, não é uma obra filosófica que veio

¹Carta de David Hume a Hugh Blair (4 de julho de 1762). Cf. Thomas Reid, *An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense — A Critical Edition*. Annotations, introduction and edition by Derek R. Brookes. The Edinburgh Edition of Thomas Reid. Series Editor: Knud Haakonssen. Pennsylvania: The Pennsylvania University Press, 1997, p. 257.

²De agora em diante, *Investigação*.

³Para informações detalhadas sobre o ministério pastoral de Reid, cf. Alexander Campbell Fraser, *Thomas Reid*. Edinburg, Oliphant, 1898, p. 26-42; Dugald Stewart, “Account of the Life and Writings of Thomas Reid, D. D.”, in: *Thomas Reid, Philosophical Works III*, Hildesheim, Zürich, New York, Georg Olms Verlag, 1983, p. 3-38; Keith Lehrer, *Thomas Reid*, London, New York, Routledge, 1989, p. 1-10; John Haldane and Stephen Read (eds.), *The Philosophy of Thomas Reid: a Collection of Essays*, Main Street, Malden, MA, Blackwell Publishing, 2003, p. 1-13.

⁴De agora em diante, *Tratado*. Cf. David Hume, *Tratado da natureza humana*, São Paulo, UNESP, 2009.

à existência *ex nihilo*. Ou seja, ela não surgiu do nada. Pelo contrário, surgiu do contexto de um debate profundo com o ceticismo de Hume. Segundo Derek R. Brookes, a razão de ser e o desenvolvimento dessa obra podem ser mais bem compreendidos se tivermos em mente três etapas da vida de Reid.⁵ A primeira está ligada à sua formação em Marischal College, em Aberdeen (1723-1731). Lá ele foi educado por professores da mais fina estirpe, como Thomas Blackwell, um renomado erudito escocês, e George Turnbull, um famoso teólogo e filósofo escocês. Este último foi bastante influenciado por Berkeley, que, por sua vez, exerceu uma considerável influência nos estudos de Reid.⁶ Foi também durante esse período que estudou a fundo as obras de Isaac Newton, em especial, os *Principia*.⁷ De acordo com Ryan Nichols, as pesquisas e o método de Newton em matemática, física e astronomia determinaram de forma considerável a metodologia da investigação de Reid.⁸

A segunda etapa é marcada por um período de atuação ministerial na Igreja Presbiteriana, na Escócia (1731-1751). Antes de seguir os passos de seu pai, o rev. Lewis Reid, e assumir o ministério pastoral, Thomas Reid viajou para a Inglaterra, especificamente para Londres, Oxford e Cambridge. Nessa viagem, ele conheceu o matemático cego Nicholas Saunderson, uma das figuras mais citadas em *Investigação*. A habilidade de Saunderson no ensino da geometria e da óptica, a despeito da cegueira, deixou uma forte impressão em Reid — uma impressão tão forte a ponto de determinar a sua posição quanto ao famoso “problema de Molyneux”.⁹ Ao regressar da Inglaterra, Reid assumiu o pastorado de uma igreja em New Machar e lá permaneceu por quinze anos. Foi também durante esse período que se dedicou à leitura obsessiva de Hume, em especial, do *Tratado*.¹⁰

⁵Cf. Thomas Reid, *An Inquiry into the Human Mind on the Principles of Common Sense — A Critical Edition*, p. xiii. Veja também a excelente introdução à *Investigação* de Reid feita por Keith Lehrer, em *Thomas Reid*, London, New York, Routledge, 1989, p. 26-80.

⁶Cf. Fraser, *Thomas Reid*, p. 21.

⁷A propósito, as *regulae philosophandi* de Newton estão presentes desde o início de *Investigação*. Cf. *infra*, p. 24.

⁸Ryan Nichols, *Thomas Reid's Theory of Perception*. Oxford: Clarendon Press, 2007, p. 15.

⁹Em 2 de março de 1693, o cientista irlandês, William Molyneux (1656-1698), escreveu uma carta a John Locke apresentando o seguinte problema: “se um cego de nascença fosse curado de sua cegueira, ele reconheceria, por meio da visão, os objetos (esferas ou cubos, por exemplo) dos quais até então tinha apenas uma noção previamente por meio do tato?”. Em consequência das observações de Molyneux, Locke resolveu inserir esse problema em sua principal obra de teoria do conhecimento, a saber, *Ensaio sobre o entendimento humano*. A partir disso, outros filósofos como Berkeley, Diderot e Leibniz, para citar apenas alguns, passaram também a levar em consideração essa questão que acabou sendo conhecida como o “problema de Molyneux”. Cf. J. Ferrater Mora, *Dicionário de filosofia*, tomo III, São Paulo, Loyola, 2004, p. 1996. Veja também Nichols, p. 45.

¹⁰Cf. Fraser, *Thomas Reid*, p. 55.

Na terceira e última etapa (1751-1764), período em que chegou à conclusão de *Investigação*, o primeiro destaque deve ser dado para a sua nomeação, em 1752, como professor regente no King's College, da Universidade de Aberdeen.¹¹ O trabalho como regente possibilitou a Reid o aprimoramento em diversas áreas do saber. Nesse período, lecionou disciplinas como matemática, física, psicologia, filosofia da mente, história natural, filosofia moral, entre outras. Contudo, como afirma Alexander C. Fraser — o mais importante biógrafo de Reid —, nada amadureceu mais seus estudos do que a fundação da *Aberdeen Philosophical Society* ou *Clube Sábio* [Wise Club], como ele e os demais integrantes gostavam de chamá-la.¹² Fundada em 12 de janeiro de 1758, a sociedade contava com um grupo seleto de filósofos e eruditos, motivados por uma leitura rigorosa e crítica de filósofos como Berkeley, Locke e Butler. E, como era de se esperar, o grupo estava bastante empolgado com a ideia de analisar e dissecar o *Tratado* de Hume. E nesse ambiente de análise e crítica o argumento de *Investigação* foi sendo sistematicamente desenvolvido. Curiosamente, na fase final de produção da obra, Reid recebeu o título de “doutor honoris causa” em teologia, concedido por Marischal College, em 18 de janeiro de 1762. Dois anos mais tarde, em dezembro de 1763, aceitou o convite da Universidade de Glasgow para suceder nada mais nada menos do que Adam Smith em uma das cátedras mais ilustres da Europa na época, a saber, a de “Filosofia Moral da Universidade de Glasgow”.¹³ No entanto, antes de assumir essa cátedra, Reid resolveu publicar a primeira importante obra de sua vida. Nas palavras de Fraser, “Antes de assumir essa nova fase de sua carreira, Reid deu ao mundo *Investigação sobre a mente humana segundo os princípios do senso comum*. Essa obra clássica encarnava o resultado de vinte anos de obsessiva reflexão em New Machar e Aberdeen, em busca do fundamento real do conhecimento humano.”¹⁴ Entretanto, Reid somente publicou a obra depois de tê-la submetido a uma revisão cuidadosa feita por diversos filósofos de renome, inclusive pelo alvo principal de suas críticas: David Hume.

Após anos de estudo do *Tratado*, Reid chegou à convicção de que a “teoria das ideias” — o que hoje, guardadas as devidas proporções, chamaríamos de “representacionismo” — implica, de forma inevitável, o ceticismo. Reid notou que a versão moderna da teoria das ideias, concebida inicialmente por Descartes e desenvolvida

¹¹Cf. D. D. Todd (ed.), *The Philosophical Orations of Thomas Reid: delivered at Graduation Ceremonies in King's College, Aberdeen, 1753, 1756, 1759, 1762*, traduzido do Latim por Shirley D. Sullivan, publicado por The Journal of the History of Philosophy, Inc., Illinois, Southern Illinois University Press, 1989.

¹²Cf. Fraser, *Thomas Reid*, p. 50.

¹³Ibid., p. 55.

¹⁴Ibid.

posteriormente nas investigações de Malebranche, Locke e Berkeley, estava também presente no *Tratado* de Hume, mas como uma espécie de linha de chegada. Ou seja, os desdobramentos da teoria das ideias iniciada por Descartes resultam no empirismo cético de Hume. A partir dessa constatação, Reid chegou à conclusão de que qualquer teoria do conhecimento que incorporasse a teoria das ideias terminaria por fim em ceticismo.¹⁵

Reid estava convencido de que o ceticismo presente no *Tratado* era consequência de um erro de método — essa convicção exemplifica o espírito iluminista obcecado pela busca de um método científico adequado, que colocasse fim à excessiva especulação filosófica.¹⁶ O método era a primeira coisa a ser repensada. De acordo com Reid, o *Tratado* não oferecia um método adequado para analisar o conhecimento humano, em especial, os processos cognitivos na percepção, na memória, na imaginação e na crença. Por isso, em *Investigação*, ele começa exatamente delimitando o método que seria, de fato, adequado para a análise da mente humana. Em suas palavras, “Tudo o que sabemos sobre o corpo é devido à dissecação e à observação, e deve ser por meio de uma *anatomia da mente* que descobriremos seus poderes e princípios.”¹⁷ (grifo nosso).

A *anatomia da mente* consiste em uma análise das operações do entendimento humano, seguindo o princípio matemático de resolução dos problemas, ou seja, partindo dos mais simples até chegar, por passos cautelosos, aos mais complexos. A partir desse princípio matemático, Reid escolhe analisar em primeiro lugar os cinco sentidos, procedendo segundo o mesmo critério, i.e., indo do mais simples ao mais complexo: olfato, paladar, audição, tato e visão. Isso é justamente o que ele faz neste livro que o leitor tem em mãos.¹⁸

¹⁵Para um aprofundamento da relação entre a teoria das ideias e o ceticismo, cf. John Greco, “Reid’s Reply to the Skeptic”, in: Terence Cuneo and René van Woudenberg (eds.), *The Cambridge Companion to Thomas Reid*, New York, Cambridge University Press, 2004, p. 134-155; Nicholas Wolterstorff, *Thomas Reid and the Story of Epistemology*, New York, Cambridge University Press, 2001, p. 185-214; Norman Daniels, *Thomas Reid’s Inquiry: the Geometry of Visibles and the Case for Realism*, Stanford, California, Stanford University Press, p. 61-96; Roberto H. Pich, “Thomas Reid, o método de filosofar e a rejeição do ceticismo”. In: *Dissertatio* [32], verão de 2010, p. 243-275.

¹⁶Ao que tudo indica, o mesmo espírito iluminista que motivou Reid a escrever *Investigação* parece ter motivado também outro importante filósofo dessa época a escrever a monumental *Crítica da razão pura*. Cf. KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, p. 75-78 (B19-24).

¹⁷Cf. *infra*, p. 24.

¹⁸Esta primeira tradução de *Investigação* para a língua portuguesa tomou como base o texto da oitava edição de Hamilton, excetuando as notas: *The Works of Thomas Reid, D. D. with Notes and Supplementary Dissertations*, ed. William Hamilton, 8th ed., Edinburgh, Maclachlan and Stewart, 1880. Entretanto, outras edições também foram consultadas, em especial, a edição crítica de Derek Brookes, publicada em 1997, cf. nota 1.

A mais importante obra de Thomas Reid traduzida pela primeira vez para a língua portuguesa!

Escrita em 1764, a *Investigação sobre a mente humana segundo os princípios do senso comum* é a concretização de vinte anos que Reid dedicou à pesquisa profunda e criteriosa do *Tratado da natureza humana*, de David Hume. Um dos objetivos principais de Reid era compreender as razões que fizeram com que Hume chegasse a conclusões tão céticas e pessimistas com relação aos limites do conhecimento humano.

A principal conclusão a que chegou é a de que a “teoria das ideias” — concebida inicialmente por Descartes e desenvolvida posteriormente nas investigações de Malebranche, Locke, Berkeley e Hume — era a responsável pelas conclusões céticas do *Tratado da natureza humana*. Essa argumentação, bem como seus desdobramentos, o leitor poderá conferir no livro que tem em mãos, resultado de um esforço crítico de Reid para mostrar que uma teoria do conhecimento que lance mão da teoria das ideias acaba inevitavelmente em ceticismo.

Longe de ser uma obra destinada apenas a filósofos e estudantes de filosofia, a *Investigação* é também uma das principais fontes das escolas de teologia reformada do século XIX, como a Old Princeton Theology, representada pelos gigantes Charles Hodge, A. A. Hodge e B. B. Warfield. Além disso, Reid tem influenciado diversos filósofos contemporâneos, cristãos e não cristãos, como Peirce, James, Dewey, Sidgwick, Moore, Russel, Wittgenstein, Wolterstorff, Alston, Plantinga, Greco, entre outros.

